

QUATRO SAUDAÇÕES MACHADIANAS

Helder Macedo*

Bem sei que nunca ninguém voltou a existir por escrever nem por ser escrito, mas há sombras que a memória pode imaginar nos mapas entreabertos. Os mapas já se mudaram, trocados por outros os nomes dos sítios e mantidos os nomes dos sítios mudados. Poderei assim mudar também os nomes daqueles que nesses sítios existiram, as circunstâncias, as relações de família ou de amizade, atando as pontas das várias vidas reais e imaginadas com os nós verdadeiros dos laços fingidos. Eu próprio já não sou quem eles me teriam reconhecido e aquele que depois, por várias partes e diversos modos, me devo ter ido tornando, também já só esfumadamente os reconheço no longe em que se desfizeram comigo, antes de mim.

Partes de África, Editorial Presença: Lisboa, 1991;
Editora Record: Rio de Janeiro, 1999.

O que me levou mais tempo a perceber é que isso de romances, poemas, pinturas, só tem mesmo graça quando se não consegue distinguir o que é fingimento e o que parece ou não parece fingimento. E vice-versa, em todas as possíveis permutações da imaginação e da memória. Acho que já o disse: espelhos paralelos num mosaico incrustado de espelhos.

[...] O que é preciso é misturar tudo ou, pelo menos, como eu aqui, fazer o que se pode. Porque conseguir, em português, só o Camões e o Machado de Assis.

Partes de África, Editorial Presença: Lisboa, 1991;
Editora Record: Rio de Janeiro, 1999.

* Poeta, romancista, crítico de Literatura e professor emérito jubilado do King's College (Londres).

Quanto a nomes, sumariamente rejeitaram o Sigmundo e Siglinda da dentista alemã – «parece maluca!» –, não queriam poucas-vergonhas dessas lá em casa. Além de que era evidente que só poderiam ser Pedro e Paula, como o profético ou intertextual padrinho, se tivesse lido o relevante Machado de Assis, logo demonstrou:

«Tu és José Pedro, você é Ana Paula. Preenche-se o coeficiente narcísico dos pais, respeita-se a identidade própria dos filhos, tira-se a média, dá Pedro e Paula. Têm as conotações espirituais devidas: a pedra e o templo, a fundação e a invenção.»

Coisas futuras?

Pedro e Paula, Editorial Presença: Lisboa, 1998;

Editora Record: Rio de Janeiro, 1999.

Capitu

Personagem preferida de romance? Tem de ser uma que a gente esquece que é de romance, que se recorda como alguém que se tivesse conhecido e faz reler o romance para a conhecer melhor, de quem se é amigo sem que ela o possa saber mas saberia se pudesse. Há duas mulheres assim, como a «passante» de Baudelaire, que eu tivesse amado: a Gina Sanseverina na *Chatreuse* e a Capitu no *Dom Casmurro*. Mas o Stendhal complicou a minha relação com a Gina, fez-me primeiro desejar ter sido o Fabrice para ser amado por ela e depois ser o Conde Mosca para a saber amar. Enquanto que, na minha relação com a Capitu, o Machado de Assis deixa-me ser eu próprio, sem promíscuas identificações colaterais. O narrador do romance, Bento Santiago, conta a vida dela para ocultar a sua, são problemas lá dele. Dele e do defunto Escobar, que ele nos quer persuadir que foi amante da Capitu porque ele é que deveria ter ido para a cama com o rapaz, deixe-se lá de hipocrisias. E se a Capitu fez uma perninha clandestina também estava no seu direito, basta lembrar aquela interminável semana de lua-de-mel na Tijuca. Mas se sim ou não, ela nunca me disse nem eu perguntei. Respeito mútuo.

Jornal de Letras Artes e Ideias, Lisboa, Setembro de 2006.